



Saiu do forno a 25ª. edição da Ambivalências, a terceira no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe. São treze textos com a contribuição de vinte e cinco autoras e autores de instituições e comunidades de todas as regiões do Brasil – Sul (UFSC), Sudeste (UFF, UFRJ e USP), Centro-Oeste (UFG), Nordeste (UFAL, UFBA, UFPB e UFS) e Norte (Unifesp e UFPA) – e de outros cantos do globo: Argentina (Comunidad Nqayañec’pi Naqota’at e UNLP), Chile (UAHC), Estados Unidos (Duke e Harvard) e Alemanha (Konstanz).

A diversidade geográfica é acompanhada de uma seleção temática igualmente variada, o que é bem-vindo em uma revista que busca refletir os muitos interesses que a antropologia vem cultivando nas últimas décadas, em especial em suas relações com outros saberes, ou “com outras ciências e áreas do conhecimento”, para citar a apresentação desta revista. Três artigos envolvem os povos originários, um deles com a coautoria de uma cacica do povo Qom. Os demais (não exatamente nessa ordem), passam pela representatividade feminina em comunidades tradicionais, as retomadas culturais, a questão fundiária e a vulnerabilidade social, as interfaces entre a antropologia e as artes, a crítica à dicotomia natureza-cultura, a abordagem relacional e não-representacionista do conhecer e da cognição, as práticas políticas e culturais contra-hegemônicas, a antropologia do esporte (ecos do nosso último dossiê), a saúde reprodutiva da mulher e de populações periféricas, e os saberes e fazeres de comunidades rurais e quilombolas. A temática é multifária, tal como a vida.

As traduções também trilham vias diversas, dando acesso, à leitora ou leitor de língua portuguesa, faces inusitadas da antropologia. Michael Jackson, antropólogo e poeta neozelandês, lança as emoções no epicentro do afazer etnográfico, não só como objeto, mas o tecido de que se faz o trabalho de campo. Seu xará, Michael Tomasello, ao lado de Ivan Gonzalez-Cabrera, traz um assunto pouco familiar na antropologia social: o papel da ontogenia (nosso percurso de bebês a adultos) nas origens da cognição social e cooperação humanas. Finalmente, a resenha de *Direito à folia*, de Guilherme Varella (2024), celebra o Carnaval como um direito a ser preservado e fomentado nas grandes cidades, opondo-se a formas sempre presentes de controle e domínio da expressão popular. Mais uma vez, brilharam as autoras e os autores em uma edição da Ambivalências.

Aracaju e Recife, 16 de junho de 2025

Beto Vianna e Leonardo Leal Esteves

Comissão Editorial